

Eliana Alves Cruz

A vestida
contos



Sumário

Cidade espelho	7
Noite sem lua.....	13
Oitenta e Oito.....	21
Não passarão.....	29
O ferro, a bruma e o tempo.....	37
Peito de ferro.....	47
Vândalo.....	61
A formatura.....	67
Cruzeiro Buenos Aires.....	73
Suéter grená.....	79
Brilhante.....	83
A copa frondosa da árvore.....	87
A passagem.....	93
A vestida.....	101
Amnésia.....	107

Cidade espelho

O país de Justiçópolis era o mais próspero do continente. Uma nação onde, se plantando, tudo dava e nela Espelho era a mais bela cidade. Metrópole reluzente refletindo o brilho alvo e limpo da terra de alvos e limpos humanos que tudo venciam, tudo sabiam, tudo comiam, tudo bebiam, tudo produziam e consumiam. Espelho era a joia de Justiçópolis, na qual jovens sábios e valentes juízes eram as máximas autoridades que tratavam de expurgar, segundo seus próprios critérios, quem achassem que pudesse macular a sociedade que evoluía de acordo com os padrões de perfeição idealizados por seus pais fundadores na segunda década do século 21.

Narciso era um cidadão de bem de Espelho. Sempre fora o orgulho da família e seguia seu caminho de sucessos sucessivos, frutos de seu esforço herdado. Naquele dia, notou que acordara diferente. Tinha um pequeno buraco no meio do peito, mas não doía. Iria ao médico na primeira chance. Entrou em seu carro último tipo. Os vidros fumês refletiam seu sapato brilhante e sua camisa branca engomada. Ele de nada precisava além de desfrutar da abundância construída sabia ele lá por quem. Seguiu seu rumo trabalhando, caminhando, desfrutando e escondendo... Ocultava aquele incômodo buraco no tórax. Um buraco no peito que a camisa de linho não deixava aparecer.

Tudo aconteceu num relance, na esquina mais florida e higienizada de Espelho. Foi ali, na virada que daria para a gigante estátua, símbolo da liberdade e da prosperidade reinante, que Narciso viu a pequena figura que se esgueirava,

preocupada em ocultar-se na densa noite. Nunca vira nada igual. Uma criança sozinha perambulando pela rua? Estancou o carro e por um segundo teve dúvida, mas algo mais que curiosidade o empurrou para fora do carro e quando deu por si já estava na parte traseira da base do grande monumento. Como nunca reparara que ali havia uma escadaria funda que descia para o interior da terra? Ele não conseguia enxergar o fim, mas uma luz pequena que se movia rápido lhe indicava que era a criança que vira na rua.

“Dane-se o medo!”, pensou. Narciso mergulhou pelos degraus que pareciam não ter fim e depois de muito tempo parou estupefato, pois abaixo de Espelho estava outra cidade maior, porém em ruínas. Tudo o que havia em cima tinha um correspondente, aos seus olhos, decadente na parte de baixo. Até os canteiros tinham as mesmas flores, porém murchas. Uma multidão enchia as ruas, mas não conseguia definir seus rostos. Arrancou uma das plantas secas no jardim abandonado para se convencer de que não estava em um pesadelo. A folha seca cortou sua mão. Era real. Viu a sujeira, o farrapo, a dor e o pranto. Viu a fome e a fraqueza. Não viu sorrisos. Não viu cristais. No meio daquele caos por ele encontrado apenas em livros, a criança o olhava fixamente. Era o único rosto que podia distinguir o contorno. Uma pele negra como jamais vira. O ar se tornou de tal forma opressivo que precisou subir o mais rápido possível.

Correu para o carro ainda com a folha seca e com espinhos apertada entre os dedos. Acelerou o mais que